

DEPOIS STEPHEN KING

TRADUÇÃO
Regiane Winarski



Para Chris Lotts

Os amanhãs não são infinitos.

Michael Landon

Não gosto de começar pedindo desculpas — deve até haver uma regra contra isso, tipo nunca terminar uma frase com preposição —, mas, depois de ler as mais de trinta páginas que escrevi até agora, acho que preciso. É por causa de certa palavra que uso o tempo todo. Aprendi muitos palavrões com a minha mãe e os uso desde muito cedo (como vocês vão descobrir), mas essa palavra não é tão grande. A palavra é *depois*, tipo quando a gente diz “Depois eu descobri” e “Foi só depois que me dei conta”. Sei que é repetitiva, mas não tive escolha, porque minha história começa quando eu ainda acreditava em Papai Noel e Fada do Dente (se bem que, mesmo aos seis anos, eu já tinha minhas dúvidas). Tenho vinte e dois anos agora, o que torna isso o depois, né? Acho que, quando eu estiver com mais de quarenta, sempre supondo que chegarei até lá, vou olhar para o que eu achei que entendia aos vinte e dois e perceber que tinha muita coisa que eu não entendia. Sempre tem um depois, agora sei disso. Pelo menos até morrermos. Aí, acho que tudo passa a ser *antes disso*.

Meu nome é Jamie Conklin, e uma vez eu desenhei um peru de Ação de Graças que achei que ficou do caralho. Depois, não muito depois, descobri que estava mais para feio pra caralho. Às vezes a verdade é uma merda mesmo.

Acho que essa história é de terror. Dá uma olhada.

Eu estava voltando da escola com a minha mãe. Ela estava segurando a minha mão. Na outra mão eu segurava firme meu desenho do peru, aquele que fazíamos no primeiro ano, na semana anterior ao Dia de Ação de Graças. Eu estava tão orgulhoso do meu que estava quase me achando o menino mais foda da escola. Para fazer o desenho, a gente apoiava a mão em um pedaço de papel-cartão e passava um giz de cera em volta. Isso formava a cauda e o corpo. Na hora da cabeça era cada um por si.

Mostrei meu desenho para a minha mãe e ela ficou tipo tá, tá, tá, tudo bem, que lindo, mas acho que ela nem olhou de verdade. Ela devia estar pensando em um dos livros que estava tentando vender. O que ela chamava de “explorar o produto”. Minha mãe era agente literária, sabe. Na verdade, o agente literário era meu tio Harry, irmão dela, mas minha mãe tinha assumido o negócio dele um ano antes da época que estou contando aqui. É uma história longa e meio chata.

— Eu usei verde-floresta porque é minha cor favorita. Você sabia, né?
— falei. Estávamos quase no nosso prédio. Ficava só a três quarteirões da escola.

Ela só ficou repetindo tá, tá, tá. E também disse:

— Vai brincar ou ver *Barney* ou *The Magic Schoolbus* quando a gente chegar em casa, moleque. Tenho um zilhão de ligações pra fazer.

Eu respondi com um tá, tá, tá e ganhei um cutucão e um sorriso. Eu adorava quando fazia minha mãe sorrir porque, mesmo aos seis anos, já

sabia que ela levava o mundo muito a sério. Depois, descobri que uma parte do motivo era eu. Ela achava que podia estar criando um filho maluco. O dia sobre o qual estou contando foi o dia em que ela teve certeza de que eu não era maluco, no fim das contas. Deve ter dado certo alívio, mas, ao mesmo tempo, também não.

— Não fala com ninguém sobre isso — ela me disse depois, no mesmo dia. — Só comigo. E talvez nem comigo, moleque. Está bem?

Eu falei que tudo bem. Quando se é pequeno e sua mãe diz isso, a gente diz que tudo bem para tudo. A não ser que ela diga que está na hora de dormir, claro. E que é para comer todos os brócolis.

Chegamos no prédio e o elevador ainda estava quebrado. Até dá para dizer que as coisas poderiam ter sido diferentes se estivesse funcionando, mas acho que não. Acho que as pessoas que dizem que a vida é feita das escolhas que fazemos e das estradas que tomamos estão falando merda. Porque, ora, tanto a escada quanto o elevador nos levariam ao terceiro andar. Quando o dedo errático do destino aponta para você, todas as estradas levam ao mesmo lugar. É o que eu acho. Posso mudar de ideia quando estiver mais velho, mas acho que não.

— Porra de elevador — disse minha mãe. E acrescentou: — Você não ouviu isso, moleque.

— Não ouvi o quê? — falei, o que me rendeu outro sorriso.

Foi o último sorriso dela naquela tarde, posso dizer. Perguntei se ela queria que eu carregasse sua bolsa, que estava com um manuscrito dentro, como sempre, naquele dia um bem grandão, que parecia ter umas quinhentas páginas (minha mãe sempre se sentava em um banco para ler enquanto esperava a saída da escola, quando o tempo estava bom). Ela disse:

— É uma proposta fofa, mas o que eu sempre digo?

— A gente tem que carregar os próprios fardos na vida — falei.

— Isso aí.

— É do Regis Thomas? — perguntei.

— Dele mesmo. O velho Regis, que paga nosso aluguel.

— É sobre Roanoke?

— E precisa perguntar, Jamie? — Isso me fez dar uma risadinha. *Tudo* que o velho Regis escrevia era sobre Roanoke. Esse era o fardo que ele carregava na vida.

Nós subimos a escada até o terceiro andar, onde havia dois outros apartamentos e o nosso no fim do corredor. O nosso era o mais chique. O sr. e a sra. Burkett estavam parados do lado de fora do 3A, e eu soube na mesma hora que tinha alguma coisa errada, porque o sr. Burkett estava fumando um cigarro, coisa que eu nunca o tinha visto fazer e que era ilegal no nosso prédio. Os olhos dele estavam vermelhos e o cabelo estava todo espetado. Eu sempre o chamava de senhor, mas na verdade ele era prof. Burkett e dava aula de uma coisa difícil na Universidade de Nova York. Era literatura inglesa e europeia, eu vim a descobrir depois. A sra. Burkett estava de camisola e de pés descalços. A camisola era bem fina. Vi quase todas as coisas dela através do tecido.

— Marty, o que houve? — perguntou minha mãe.

Antes que ele pudesse responder, mostrei meu peru a ele. Porque ele parecia triste e eu queria alegrá-lo, mas também porque estava morrendo de orgulho.

— Olha, sr. Burkett! Eu fiz um peru! Olha, sra. Burkett! — Levantei o desenho na frente do meu rosto porque não queria que ela achasse que eu estava olhando as coisas dela.

O sr. Burkett não prestou atenção. Acho que ele nem me ouviu.

— Thia, tenho uma notícia horrível. Mona morreu hoje de manhã.

Minha mãe largou a bolsa com o manuscrito entre os pés e cobriu a boca com a mão.

— Ah, não! Me diz que não é verdade!

Ele começou a chorar.

— Ela se levantou à noite e disse que queria um copo d'água. Voltei a dormir e ela estava no sofá de manhã com um edredom puxado até o queixo, e fui nas pontas dos pés até a cozinha pra fazer o café porque achei que o cheiro agradável a-a-acordaria... acordaria...

Ele desmoronou nessa hora. Minha mãe o abraçou, como fazia comigo quando eu me machucava, apesar de o sr. Burkett ter uns cem anos (setenta e quatro, descobri depois).

Foi nessa hora que a sra. Burkett falou comigo. Foi difícil ouvi-la, mas não tanto como alguns deles porque ela ainda era bem recente. Ela disse:

— Não existe peru verde, James.

— O meu é verde — falei.

Minha mãe ainda estava abraçando o sr. Burkett e o embalando. Eles não a ouviram porque não podiam e não me ouviram porque estavam fazendo coisas de adulto: o sr. Burkett balbuciando, minha mãe o consolando.

— Liguei para o dr. Allen e ele veio e disse que deve ter sido um desmame. — Isso foi o que eu achei que o sr. Burkett disse. Ele estava chorando tanto que era difícil entender. — Ele ligou pra funerária. Ela foi levada. Não sei o que vou fazer sem ela.

— Meu marido vai queimar o cabelo da sua mãe com o cigarro, se não tomar cuidado — disse a sra. Burkett.

E queimou mesmo. Senti o cheiro de cabelo queimado, um cheiro parecido com o de salão de beleza. Minha mãe foi educada e não falou nada, mas fez com que ele a soltasse e pegou o cigarro da mão dele e

jogou no chão e pisou em cima. Achei uma grosseria jogar lixo no chão, mas não falei nada. Entendi que a situação era especial.

Eu também sabia que falar mais com a sra. Burkett o deixaria apavorado. Minha mãe também ficaria apavorada. Até uma criança pequena sabe certas coisas básicas, se não for ruim da cabeça. A gente tinha que dizer por favor, tinha que dizer obrigado, não podia balançar a bingola em público, não podia mastigar de boca aberta e não podia falar com gente morta parada ao lado de gente viva que estava começando a sentir a falta dessa pessoa morta. Só quero dizer, em minha defesa, que quando a vi eu não sabia que ela estava morta. Depois, passei a perceber a diferença melhor, mas na época eu ainda estava aprendendo. Era a camisola que estava transparente, não ela. Gente morta é igual a gente viva, só que sempre está usando a mesma roupa de quando morreu.

Enquanto isso, o sr. Burkett foi recontando a história toda. Ele contou para a minha mãe que se sentou no chão ao lado do sofá e ficou segurando a mão da esposa até o médico chegar e continuou até o agente funerário aparecer para levá-la embora. “Dar continuidade à passagem dela” foi como ele falou, coisa que não entendi até minha mãe explicar. E no começo achei que ele tinha dito agente voluntário, uma pessoa que foi lá para ajudar. O choro dele tinha diminuído, mas então aumentou de novo.

— Os anéis dela sumiram — disse ele em meio às lágrimas. — Tanto a aliança de casamento quanto o anel de noivado, aquele com o diamante grandão. Olhei na mesa de cabeceira do lado dela, onde ela deixa quando esfrega aquele creme fedido da artrite nas mãos...

— Fede mesmo — admitiu a sra. Burkett. — Lanolina é praticamente pasta de ovelha, mas ajuda muito.

Assenti para mostrar que entendia, mas não falei nada.

— ... e na pia do banheiro, porque ela às vezes deixa lá... Olhei *em toda parte*.

— Vão aparecer — disse minha mãe, a voz tranquilizadora, e agora que seu cabelo estava em segurança ela tomou o sr. Burkett nos braços de novo. — Vão aparecer, Marty, não se preocupe com isso.

— *Estou sentindo tanta falta dela! Já estou sentindo!*

A sra. Burkett balançou a mão na frente do rosto.

— Dou seis semanas pra ele convidar a Dolores Magowan pra almoçar.

O sr. Burkett estava balbuciando, e minha mãe estava fazendo o som tranquilizador que fazia comigo quando eu ralava o joelho e também fez naquela vez que tentei fazer uma xícara de chá para ela e virei água quente na mão. Muito barulho, em outras palavras, por isso eu me arrisquei, mas falando em voz baixa.

— Onde estão seus anéis, sra. Burkett? A senhora sabe?

Eles têm que falar a verdade quando estão mortos. Eu não sabia disso aos seis anos; só supus que todos os adultos falassem a verdade, vivos *ou* mortos. Claro que, na época, eu também acreditava que a Cachinhos Dourados era uma menina de verdade. Pode me chamar de burro, se quiser. Pelo menos eu não acreditava que os três ursos falavam.

— Na prateleira de cima do armário do corredor — disse ela. — Bem no fundo, atrás dos álbuns.

— Por que estão lá? — perguntei, e minha mãe me olhou de um jeito estranho. Para ela, eu estava falando com o espaço vazio da porta... se bem que, naquela época, ela já sabia que eu não era igual às outras crianças. Depois de uma coisa que aconteceu no Central Park, uma coisa que não foi legal (vou chegar nisso), eu a ouvi dizendo para um dos amigos editores pelo telefone que eu era “médium”. Fiquei me cagando

de medo, porque achei que ela estava falando que eu era médio e nunca ficaria grande.

— Não tenho a menor ideia — respondeu a sra. Burkett. — Acho que eu já estava tendo o derrame nessa hora. Meus pensamentos deviam estar se afogando em sangue.

Pensamentos se afogando em sangue. Nunca me esqueci disso.

Minha mãe perguntou ao sr. Burkett se ele queria ir tomar um chá (ou alguma coisa mais forte) no nosso apartamento, mas ele disse que não, que ia procurar de novo os anéis da esposa. Ela perguntou se ele queria que a gente levasse comida chinesa para ele, que era o que tínhamos planejado para o jantar, e ele disse que seria ótimo, obrigado, Thia.

Minha mãe disse “às ordens” (que ela dizia quase tanto quanto tá, tá, tá) e que levaríamos a comida para o apartamento dele por volta das seis, a não ser que ele quisesse comer com a gente no nosso, onde ele seria bem-vindo. Ele disse que não, que gostava de comer em casa, mas que gostaria que a gente comesse com ele. Só que ele disse *na nossa casa*, como se a sra. Burkett ainda estivesse viva. E ela não estava, apesar de estar ali.

— Até lá você já vai ter encontrado os anéis — disse minha mãe. Ela pegou minha mão. — Vem, Jamie. A gente vem ver o sr. Burkett depois, mas agora vamos deixar ele em paz.

— Não existe peru verde, Jamie, e isso aí nem parece um peru. Parece uma mancha com dedos saindo dela. Você não é nenhum Rembrandt — disse a sra. Burkett.

Gente morta tem que falar a verdade, e tudo bem quando você quer saber a resposta para uma pergunta, mas, como falei, a verdade é uma merda às vezes. Comecei a ficar com raiva dela, mas ela começou a

chorar nessa hora e eu não consegui. Ela se virou para o sr. Burkett e falou:

— Quem vai tomar conta pra você não passar o cinto por cima do passador na parte de trás da calça agora? Dolores Magowan? Mais fácil um porco criar asas. — Ela deu um beijo na bochecha dele... ou deu um beijo *junto* à bochecha dele. Não deu para perceber direito. — Eu te amei, Marty. Ainda amo.

O sr. Burkett levantou a mão e esfregou o lugar onde os lábios dela tinham encostado, como se estivesse com coceira. Ele deve ter achado que foi isso.

Pois é. Eu vejo gente morta. Pelo que lembro, sempre vi. Mas não é como naquele filme com o Bruce Willis. Pode ser interessante, pode ser assustador às vezes (o cara do Central Park), pode ser um saco, mas em geral só é. Tipo ser canhoto ou saber tocar música clássica aos três anos de idade ou ter Alzheimer precoce, como aconteceu com o tio Harry quando ele tinha só quarenta e dois anos. Aos seis anos, quarenta e dois me parecia bem velho, mas mesmo na época eu entendi que era cedo para esquecer quem você é. Ou os nomes das coisas; por algum motivo, isso era o que mais me assustava quando a gente ia ver o tio Harry. Os pensamentos dele não se afogaram em sangue por causa de uma artéria arrebitada no cérebro, mas se afogaram do mesmo jeito.

Minha mãe e eu seguimos até o 3C e minha mãe abriu a porta. Isso demorou um tempo, porque a porta tem três trancas. Ela dizia que era o preço que se paga por viver com estilo. Nós tínhamos um apartamento de seis cômodos com vista para a avenida. Minha mãe chamava de Palácio na Park. Nós tínhamos uma faxineira que ia duas vezes por semana. Minha mãe tinha um Range Rover na garagem que ficava na Segunda Avenida, e às vezes nós íamos até a casa do tio Harry em Speonk. Graças a Regis Thomas e alguns outros escritores (mas quase sempre o velho Regis), nós morávamos bem. Não durou muito tempo, um desenvolvimento deprimente que vou discutir daqui a pouco.

Quando penso no passado, às vezes acho que minha vida parecia um livro do Dickens, só que cheio de palavrões.

Minha mãe jogou a sacola do manuscrito e a bolsa no sofá e se sentou. O sofá fez um barulho de peido que sempre fazia a gente rir, mas não naquele dia.

— Puta que pariu — disse minha mãe, e levantou a mão em um gesto de pare. — Você...

— Eu não ouvi, pode deixar — falei.

— Que bom. Preciso de uma coleira de eletrochoque ou alguma outra coisa que apite toda vez que eu falar um palavrão perto de você. Assim eu aprenderia. — Ela projetou o lábio inferior e soprou a franja. — Tenho umas duzentas páginas do livro mais novo do Regis pra ler...

— Qual é o nome desse? — perguntei, já sabendo que o título teria a palavra *Roanoke*. Sempre tinha.

— *Donzela fantasma de Roanoke* — disse ela. — É um dos melhores dele, com muito se... muitos beijos e abraços.

Eu franzi o nariz.

— Foi mal, moleque, mas a mulherada ama corações ardentes e coxas quentes. — Ela olhou para a sacola com *Donzela fantasma de Roanoke* dentro, preso com os seis ou oito elásticos de sempre, sendo que um sempre arrebatava e fazia a minha mãe falar os melhores palavrões. Muitos deles eu ainda uso. — Agora, não estou com vontade de fazer nada, só de tomar uma taça de vinho. Talvez até uma garrafa inteira. Mona Burkett era uma pentelha de marca maior, pode ser até que ele fique melhor sem ela, mas agora ele está arrasado. Só espero que ele tenha parentes, porque não estou curtindo a ideia de ser a Consoladora de Plantão.

— Ela também amava ele — falei.

Minha mãe me olhou de um jeito estranho.

— É? Você acha?

— Eu sei. Ela disse uma coisa feia sobre meu peru, mas depois ela chorou e deu um beijo na bochecha dele.

— Você imaginou isso, James — disse ela, mas sem muito entusiasmo. Ela já sabia, tenho certeza de que sabia, mas os adultos têm dificuldade em acreditar, e vou dizer por quê. Quando eles descobrem quando crianças que o Papai Noel é mentira e que Cachinhos Dourados não é uma menina de verdade e que o Coelhoinho da Páscoa é enganação (são só três exemplos, eu poderia dar mais), isso gera um complexo e eles param de acreditar em tudo que não conseguem ver.

— Não, eu não imaginei. Ela falou que eu nunca seria Rembrandt. Quem é esse?

— Um artista — disse ela, e soprou a franja de novo. Não sei por que ela não cortava logo a franja ou não usava o cabelo de um jeito diferente. Ela podia porque era muito bonita.

— Quando a gente for lá comer, não vai dizer nada para o sr. Burkett sobre o que você acha que viu.

— Não vou falar nada, mas ela tinha razão. Meu peru está uma merda.

— Eu estava me sentindo mal por isso.

E acho que ficou evidente, porque ela abriu os braços.

— Vem cá, moleque.

Eu fui e a abracei.

— Seu peru é lindo. É o peru mais bonito que eu já vi. Vou pendurar na geladeira e vai ficar lá pra sempre.

Eu a abracei com o máximo de força que consegui e escondi o rosto no ombro dela, para poder sentir o perfume.

— Eu te amo, mãe.

— Eu também te amo, Jamie, um milhão de muitos. Agora vai brincar ou ver televisão. Preciso fazer umas ligações antes de pedir comida chinesa.

— Tá. — Fui na direção do meu quarto e parei. — Ela botou os anéis na prateleira de cima do armário do corredor, atrás de uns álbuns.

Minha mãe me olhou de boca aberta.

— Por que ela faria isso?

— Eu perguntei e ela disse que não sabia. Disse que nessa hora os pensamentos dela já estavam se afogando em sangue.

— Ah, meu Deus — sussurrou minha mãe e levou a mão ao pescoço.

— Você precisa pensar em um jeito de dizer isso pra ele quando estivermos comendo. Pra ele não se preocupar. Posso comer frango General Tso?

— Pode — disse ela. — E arroz integral, não branco.

— Tá, tá, tá — falei, e fui brincar com meus Legos. Eu estava fazendo um robô.

O apartamento dos Burkett era menor do que o nosso, mas era bonito. Depois do jantar, quando estávamos comendo biscoitos da sorte (o meu dizia *Uma pena na mão é melhor do que um pássaro no ar*, o que não faz sentido nenhum), minha mãe disse:

— Já procurou nos armários, Marty? Os anéis?

— Por que ela colocaria os anéis em um armário? — Foi uma pergunta bem sensata.

— Bom, se ela estava tendo um derrame, é possível que não estivesse pensando com clareza.

Estávamos comendo na mesinha redonda na cozinha. A sra. Burkett estava sentada em um dos banquinhos na frente da bancada e assentiu vigorosamente quando minha mãe falou isso.

— Pode ser que eu olhe — disse o sr. Burkett. Ele falou de uma forma meio vaga. — Agora, estou muito cansado e chateado.

— Olha o armário do quarto quando for lá — disse minha mãe. — Vou olhar o do corredor agora. Vai ser bom me alongar um pouco depois desse porco agridoce.

— Ela pensou nisso sozinha? Eu não sabia que ela era inteligente assim — comentou a sra. Burkett. Ela já estava ficando difícil de ouvir. Depois de um tempo, eu não conseguiria ouvir mais, só ver a boca se movendo, como se ela estivesse atrás de uma vidraça grossa. E, pouco depois disso, ela sumiria.

— Minha mãe é bem inteligente — falei.

— Nunca falei que não era — disse o sr. Burkett —, mas, se ela encontrar os anéis no armário do corredor de entrada, como meu chapéu.

Nesse momento, minha mãe falou:

— Bingo!

E apareceu com os anéis na palma da mão esticada. A aliança de casamento era bem comum, mas o anel de noivado era grande como um olho. Um baita diamante.

— Ah, meu Deus! — exclamou o sr. Burkett. — Como é possível...?

— Eu rezei pra São Longuinho — disse minha mãe, mas lançou um olhar rápido na minha direção. — “São Longuinho, São Longuinho, se eu encontrar os anéis dou três pulinhos!” Como você pode ver, deu certo.

Pensei em perguntar ao sr. Burkett se ele queria temperar o chapéu com sal e pimenta, mas não falei nada. Não era a hora certa para ser engraçadinho. Além do mais, é como minha mãe sempre diz: ninguém gosta de um espertinho.

O funeral foi três dias depois. Foi meu primeiro e foi interessante, mas não o que eu chamaria de divertido. Pelo menos minha mãe não precisou ser a Consoladora de Plantão. O sr. Burkett tinha uma irmã e um irmão para cuidarem disso. Eles eram velhos, mas não tão velhos quanto ele. O sr. Burkett chorou durante toda a cerimônia do funeral e a irmã não parou de entregar lenços de papel a ele. A bolsa dela parecia cheia de lenços. Eu estava surpreso que tivesse espaço para outras coisas.

Naquela noite, minha mãe e eu pedimos uma pizza da Domino's. Ela tomou vinho e eu tomei um Kool-Aid, como prêmio por ter me comportado no funeral. Quando chegamos no último pedaço de pizza, ela me perguntou se eu achava que a sra. Burkett estava lá.

— Estava. Ela se sentou na escada que levava ao lugar onde o pastor e os amigos dela falaram.

— O púlpito. Você... — Ela pegou a última fatia, olhou para ela, colocou de volta e olhou para mim. — Você conseguiu ver através dela?

— Tipo um fantasma de filme, você quer dizer?

— É. Acho que é isso que quero dizer.

— Não. Ela estava toda lá, mas ainda de camisola. Foi uma surpresa ver ela lá, porque ela morreu três dias atrás. Normalmente eles não duram tanto.

— Eles simplesmente desaparecem? — Parecia que ela estava tentando entender. Eu sabia que ela não gostava de falar sobre aquilo,

mas fiquei feliz de estar falando. Foi um alívio.

— É.

— O que ela estava fazendo, Jamie?

— Só ficou sentada lá. Uma ou duas vezes, ela olhou para o caixão, mas ficou mais olhando para ele.

— Para o sr. Burkett. Marty.

— Isso. Ela disse uma coisa uma hora, mas não consegui ouvir. Pouco tempo depois que eles morrem, as vozes começam a ficar mais baixas, como quando a gente diminui o volume no rádio do carro. Depois de um tempo, não dá pra ouvir mais nada.

— E eles somem.

— É — falei. Tinha um caroço na minha garganta e bebi o resto do meu Kool-Aid para ver se passava. — Somem.

— Me ajuda a tirar tudo — disse ela. — Depois a gente pode ver um episódio de *Torchwood* se você quiser.

— Oba, legal! — Na minha opinião, *Torchwood* não era legal, mas poder ficar acordado uma hora depois da minha hora normal de dormir era muito legal.

— Tudo bem. Desde que você entenda que não vai virar hábito. Mas preciso dizer uma coisa primeiro e é uma coisa muito séria. Quero que você preste atenção. *Muita* atenção.

— Tudo bem.

Ela se apoiou em um joelho e nossos rostos ficaram mais ou menos na mesma altura. Ela me segurou pelos ombros, com delicadeza, mas o toque era firme.

— Nunca conta pra ninguém que você vê gente morta, James. *Nunca*.

— Ninguém ia acreditar mesmo. Você não acreditava.

— Eu acreditava em *alguma coisa*. Desde aquele dia no Central Park. Se lembra daquilo? — Ela soprou a franja de novo. — Claro que se lembra. Como poderia esquecer?

— Eu me lembro. — Só que queria não me lembrar.

Ela ainda estava apoiada em um joelho, me olhando.

— É o seguinte. As pessoas não acreditarem é uma coisa boa. Mas, um dia, alguém pode acreditar. E podem fazer um tipo ruim de fofoca, ou você pode acabar correndo perigo de verdade.

— Por quê?

— Tem um ditado antigo que diz que homens mortos não contam histórias, James. Só que eles *conseguem* falar com você, né? Homens e mulheres mortos. Você diz que eles têm que responder suas perguntas e dar respostas verdadeiras. Como se morrer fosse uma dose de tiopental sódico.

Eu não tinha a menor ideia do que era aquilo e ela devia ter visto no meu rosto, porque disse para eu esquecer aquilo e lembrar o que a sra. Burkett me disse quando perguntei sobre os anéis.

— O que que tem? — perguntei. Eu gostava de ficar perto da minha mãe, mas não gostava dela me olhando daquele jeito intenso.

— Aqueles anéis eram valiosos, principalmente o anel de noivado. As pessoas que morrem levam segredos, Jamie, e sempre tem alguém que quer saber esses segredos. Não quero te deixar com medo, mas às vezes é botando medo que se aprende a lição.

Assim como o homem no Central Park foi uma lição sobre tomar cuidado no trânsito e sempre usar capacete na bicicleta, pensei... mas não falei.

— Não vou falar sobre isso — falei.

— Nunca. Só comigo. Se você precisar.

— Tá bom.

— Que bom. Está entendido, então.

Ela se levantou e fomos até a sala ver televisão. Quando o programa acabou, eu escovei os dentes e fiz xixi e lavei as mãos. Minha mãe me botou na cama e me beijou e disse o que sempre dizia:

— Bons sonhos, durma com os anjos.

Na maioria das noites, essa era a última vez que eu a via até de manhã. Eu ouvia o tilintar do vidro quando ela se servia de uma segunda taça de vinho (ou terceira) e o volume do jazz era diminuído quando ela começava a ler um manuscrito. Só que acho que as mães devem ter um sentido a mais, porque, naquela noite, ela voltou para o meu quarto e se sentou na minha cama. Ou talvez ela tivesse me ouvido chorar, apesar de eu estar me esforçando ao máximo para chorar bem baixinho. Porque, como ela também sempre dizia, é melhor ser parte da solução do que parte do problema.

— O que houve, Jamie? — perguntou ela, afastando meu cabelo da testa. — Está pensando no funeral? Na presença da sra. Burkett lá?

— O que ia acontecer comigo se você morresse, mamãe? Eu ia ter que morar em uma casa de orfanato? — Porque eu não ia morar com o tio Harry nem fodendo.

— Claro que não — disse minha mãe, ainda com a mão no meu cabelo. — E conversar sobre isso é perda de tempo, Jamie, porque eu não vou morrer tão cedo. Tenho trinta e cinco anos e isso quer dizer que ainda tenho mais da metade da minha vida pela frente.

— E se você tiver o que o tio Harry teve e tiver que ir morar naquele lugar com ele? — As lágrimas estavam correndo pelo meu rosto. O carinho dela na minha testa me deixou melhor, mas também me fez chorar mais, sei lá por quê. — Aquele lugar fede. Tem cheiro de xixi!

— A chance de isso acontecer é tão pequena que, se você botasse ela do lado de uma formiga, a formiga ia parecer o Godzilla — disse ela. Aquilo fez com que eu sorrisse e me sentisse melhor. Agora que estou mais velho, sei que ela estava mentindo ou estava mal informada, mas o gene que deflagra o que o tio Harry teve, Alzheimer precoce, desviou dela, graças a Deus.

— Eu não vou morrer, *você* não vai morrer e acho que tem uma boa chance de essa sua habilidade peculiar sumir com a idade. E aí... tudo bem agora?

— Tudo.

— Chega de choro, Jamie. Só bons sonhos...

— E durma com os anjos — concluí.

— Tá, tá, tá. — Ela beijou minha testa e saiu. Deixando a porta um pouquinho aberta, como ela sempre fazia.

Eu não quis contar para ela que não foi o funeral que me fez chorar e nem a sra. Burkett, porque ela não era assustadora. A maioria deles não é. Mas o homem da bicicleta no Central Park me fez cagar de medo. Ele era *nojento*.

Estávamos na parte da 86th Street que atravessa o Central Park, indo para Wave Hill, no Bronx, onde ia ser a festa de aniversário de uma das minhas amigas da pré-escola. (“Isso que é mimar uma criança”, disse minha mãe.) O presente que eu ia dar para a Lily estava no meu colo. Nós passamos por uma curva e vimos um monte de gente parada na rua. O acidente devia ter acabado de acontecer. Um homem estava deitado metade na rua e metade na calçada, com uma bicicleta toda retorcida do lado. Alguém tinha colocado uma jaqueta sobre a parte de cima do corpo dele. A parte de baixo estava com um short preto de ciclismo com listras vermelhas dos lados, uma joelheira e tênis todos manchados de sangue. Nas meias e nas pernas também. Dava para ouvir as sirenes se aproximando.

De pé ao lado dele estava o mesmo homem com o mesmo short de ciclismo e a mesma joelheira. Ele tinha cabelo branco, que estava sujo de sangue. O rosto estava afundado bem no meio, acho que no lugar que bateu no meio-fio. O nariz parecia estar em dois pedaços e a boca também.

Havia carros parando e minha mãe disse:

— Fecha os olhos.

Ela estava olhando para o homem deitado no chão, claro.

— Ele está morto! — Eu comecei a chorar. — Aquele homem está morto!

Nós paramos. Tivemos que parar. Por causa dos outros carros na nossa frente.

— Não está, não — disse minha mãe. — Está dormindo, só isso. É o que acontece às vezes quando alguém bate a cabeça com força. Ele vai ficar bem. Agora, fecha os olhos.

Eu não fechei. O homem de cara esmagada levantou a mão e acenou para mim. Eles sabem quando eu os vejo. Sempre sabem.

— O rosto dele está em *dois pedaços!*

Minha mãe olhou de novo para ter certeza, viu que o homem estava coberto até a cintura e disse:

— Para de ficar metendo medo em você mesmo, Jamie. Só fecha os...

— Ele está *ali!* — Eu apontei. Meu dedo estava tremendo. *Tudo* estava tremendo. — Bem *ali*, parado ao lado dele mesmo!

Isso botou medo nela. Percebi pelo jeito como ela apertou a boca. Ela meteu a mão na buzina. Com a outra, ela apertou o botão que abria a janela e começou a acenar para os carros na frente.

— *Anda!* — gritou ela. — *Sai daí! Para de olhar pra ele, pelo amor de Deus, isso aqui não é um filme, caralho!*

Todos andaram, menos o carro na frente dela. O cara estava com o corpo para fora da janela, tirando uma foto com o celular. Minha mãe se aproximou e bateu no para-lama dele. O cara mostrou o dedo do meio. Minha mãe deu ré e foi para a outra pista para contornar o carro. Eu queria também ter mostrado o dedo do meio para ele, mas estava apavorado demais.

Minha mãe quase bateu na viatura da polícia vindo na direção oposta e foi dirigindo até o outro lado do parque o mais rápido que conseguiu. Ela estava quase lá quando soltei o cinto de segurança. Minha mãe gritou para eu não fazer isso, mas fiz mesmo assim. Eu abri a janela, me

ajoelhei no banco e vomitei toda a comida na lateral do carro. Não consegui segurar. Quando chegamos ao lado do Central Park West, minha mãe encostou o carro e limpou meu rosto com a manga da blusa. Ela talvez tenha usado a blusa de novo, mas, se usou, eu não lembro.

— Meu Deus, Jamie. Você está branco como papel.

— Não consegui segurar — falei. — Eu nunca vi ninguém assim. Tinha um osso saindo do na-nariz... — Eu vomitei de novo, mas consegui que quase tudo fosse parar na rua e não no nosso carro. Nem tinha tanta coisa assim.

Ela fez carinho no meu pescoço e ignorou a pessoa (talvez o homem que nos mostrou o dedo do meio) que buzinou e contornou nosso carro.

— Querido, isso é a sua imaginação. Ele estava coberto.

— Não o do chão, o que estava de pé do lado dele. Ele *deu tchau* pra mim.

Ela ficou me olhando por tanto tempo que pareceu que ia dizer alguma coisa, mas só prendeu meu cinto de segurança.

— Acho que a gente não devia ir à festa. O que você acha?

— Bom — falei. — Eu não gosto mesmo da Lily. Ela me belisca escondido na hora da historinha.

Nós fomos para casa. Minha mãe perguntou se eu aguentaria tomar uma xícara de chocolate quente e eu disse que sim. Nós tomamos o chocolate juntos na sala. Eu ainda estava com o presente da Lily. Era uma bonequinha com roupa de marinheira. Quando dei para ela na semana seguinte, em vez de me beliscar escondido, ela me deu um beijo na boca. Pegaram no meu pé por causa disso e nunca me incomodei.

Enquanto a gente estava tomando o chocolate quente (o dela talvez tivesse uma coisa a mais), minha mãe disse:

— Eu prometi pra mim mesma quando engravidei que nunca ia mentir para o meu filho, então lá vai. Sim, aquele cara devia estar mesmo morto. — Ela fez uma pausa. — Não, ele *estava* morto. Acho que nem um capacete teria salvado o cara, e não vi capacete nenhum.

Não, ele não estava de capacete. Porque, se estivesse usando quando bateram nele (foi um táxi, a gente acabou descobrindo), ele estaria usando quando parou de pé ao lado do corpo. Eles sempre estão usando o que estavam na hora que morreram.

— Mas você só imaginou que viu o rosto dele, querido. Não dava pra você ter visto. Ele foi coberto com uma jaqueta. Por uma pessoa muito gentil.

— Ele estava com uma camiseta com um farol desenhado — falei. E pensei em outra coisa. Era só um pouco bom, mas depois de uma coisa assim, acho que a gente aproveita o que pode. — Pelo menos ele era bem velho.

— Por que você diz isso? — Ela estava me olhando de um jeito estranho. Pensando bem, acho que foi nessa hora que ela começou a acreditar, pelo menos um pouco.

— O cabelo dele era branco. Menos as partes com sangue, né.

Eu comecei a chorar de novo. Minha mãe me abraçou e me embalou e peguei no sono com ela fazendo isso. Vou te dizer uma coisa, não tem nada como ter a mãe por perto quando a gente está pensando umas merdas que dão medo.

O *Times* era entregue na nossa porta. Minha mãe costumava ler à mesa de roupão durante o café da manhã, mas, no dia seguinte ao homem do Central Park, ela estava lendo um manuscrito. Quando o café da manhã acabou, ela mandou eu me vestir porque a gente talvez fosse dar um passeio de barco, então devia ser sábado. Lembro que pensei que

era o primeiro fim de semana depois da morte do homem do Central Park. Isso tornou a história toda real de novo.

Eu fiz o que ela falou, mas primeiro fui até seu quarto enquanto ela estava no banho. O jornal estava na cama, aberto na página onde botam os mortos que são famosos a ponto de aparecerem no *Times*. O retrato do homem do Central Park estava lá. O nome dele era Robert Harrison. Aos quatro anos, eu já lia no nível de terceiro ano, minha mãe sentia muito orgulho disso, e não havia nenhuma palavra difícil na manchete, que foi a única coisa que eu li: CEO da fundação farol morre em acidente de trânsito.

Vi algumas pessoas mortas depois disso (aquele ditado que diz que na vida estamos na morte é mais verdadeiro do que a maioria das pessoas sabe) e às vezes falava alguma coisa para a minha mãe, mas em geral não falava, porque eu via que ela ficava chateada. Só quando a sra. Burkett morreu e minha mãe encontrou os anéis dela no armário foi que voltamos a falar disso.

Naquela noite, depois que ela saiu do meu quarto, eu pensei que não conseguiria dormir, que sonharia com o homem do Central Park com a cara aberta e os ossos para fora do nariz ou com a minha mãe no caixão, mas também sentada nos degraus do púlpito, onde só eu a veria. Mas, até onde consigo lembrar, eu não sonhei com nada. Acordei na manhã seguinte me sentindo bem, e minha mãe estava se sentindo bem, e nós brincamos como costumávamos brincar, e ela prendeu meu peru na geladeira e deu um beijo de batom no desenho, o que me fez rir, e ela me levou a pé para a escola, e a professora Tate falou sobre dinossauros, e a vida prosseguiu por dois anos do jeitinho bom de sempre. Até que tudo desmoronou, claro.

Quando minha mãe percebeu como as coisas estavam ruins, eu a ouvi falando no telefone com Anne Staley, sua amiga editora, sobre o tio Harry.

— Ele já era ruim da cabeça antes de ficar ruim da cabeça. Só percebi agora.

Aos seis anos eu não entenderia. Mas eu já tinha oito anos, quase nove, e entendi, ao menos um pouco. Ela estava falando sobre a confusão em que o irmão tinha se metido (e a levado junto) antes mesmo do Alzheimer precoce ter roubado o cérebro dele como um ladrão no meio da noite.

Eu concordei com ela, claro; ela era minha mãe e éramos nós contra o mundo, um time de dois. Eu odiei o tio Harry pela situação em que ele nos meteu. Só depois, quando eu tinha uns doze ou catorze anos, foi que percebi que minha mãe também tinha uma parte da culpa. Ela talvez tivesse conseguido sair enquanto ainda havia tempo, provavelmente conseguiria, mas não saiu. Como o tio Harry, que fundou a Agência Literária Conklin, ela sabia muito sobre livros, mas não o suficiente sobre dinheiro.

Ela até recebeu dois avisos. Um foi da amiga Liz Dutton. Liz era detetive da polícia de Nova York e grande fã da série Roanoke, do Regis Thomas. Minha mãe a conheceu em uma festa de lançamento de um dos livros e elas se deram bem. O que acabou não sendo muito bom. Vou

chegar nessa parte, mas agora só vou dizer que Liz falou para a minha mãe que o Fundo Mackenzie era bom demais para ser verdade. Isso pode ter sido mais ou menos na época em que a sra. Burkett morreu, não tenho tanta certeza disso, mas sei que foi antes da crise de 2008, quando a economia virou de cabeça para baixo. Inclusive a nossa parte nela.

Tio Harry jogava raquetebol em um clube chique perto do Píer 90, onde ficam as lanchas bacanas. Um dos amigos com quem ele jogava era um produtor da Broadway, que contou para ele sobre o Fundo Mackenzie. O amigo chamou de licença para fabricar dinheiro, e tio Harry o levou a sério nisso. Por que não levaria? O amigo tinha produzido um zilhão de musicais que ficavam em cartaz na Broadway por um zilhão de anos, e também por todo o país, e a grana dos direitos autorais chovia. (Eu sabia exatamente o que eram direitos autorais, eu era filho de uma agente literária.)

Tio Harry deu uma olhada, conversou com um figurão que trabalhava no fundo (mas não com o próprio James Mackenzie, porque o tio Harry era só uma figurinha no grande esquema das coisas) e investiu um monte de dinheiro. O lucro foi tão bom que ele investiu mais. E mais. Quando ficou com Alzheimer — e ele foi morro abaixo muito rápido — minha mãe assumiu todas as contas, e não só ficou com o Fundo Mackenzie como também botou mais dinheiro lá.

Monty Grisham, o advogado que ajudava com os contratos na época, não só falou para ela não botar mais como falou para ela sair enquanto ainda estava lucrando. Esse foi o segundo aviso que ela recebeu, e logo depois de assumir a Agência Conklin. Ele também disse que, se uma coisa parecia boa demais para ser verdade, provavelmente era mesmo.

Estou contando tudo que descobri pelas migalhas, como a conversa que ouvi entre a minha mãe e a amiga editora. Sei que você entende e sei

*image
not
available*

porque, vamos ser realistas, em 2009 e 2010 as pessoas precisavam se autoajudar. Minha mãe sempre foi leitora de mistério e estava construindo essa parte do estábulo da Conklin desde que assumiu a posição do tio Harry. Ela tinha uns dez ou doze autores de mistério. Não eram grandes campeões de vendas, mas os quinze por cento deles eram suficientes para pagar o aluguel e a energia da nossa casa nova.

Além disso, havia Jane Reynolds, uma bibliotecária da Carolina do Norte. O livro dela, um mistério chamado *Vermelho morto*, apareceu de repente, e minha mãe ficou louca pela história. Houve um leilão para decidir quem publicaria. Todas as editoras grandes participaram, e os direitos acabaram sendo vendidos por dois milhões de dólares. Trezentos mil dessa quantia eram nossos, e minha mãe começou a sorrir de novo.

— Vai demorar pra gente voltar pra Park Avenue — disse ela — e nós temos muito que melhorar até sairmos do buraco que o tio Harry cavou pra gente, mas acho que a gente consegue.

— Eu não quero mesmo voltar pra Park Avenue — falei. — Gosto daqui.

Ela sorriu e me abraçou.

— Você é meu amorzinho. — Ela esticou os braços, ainda me segurando, e me observou. — Que nem está mais tão *inho* assim. Sabe o que eu espero, moleque?

Eu balancei a cabeça.

— Que a Jane Reynolds vire uma escritora de um livro por ano. E que façam um filme do *Vermelho morto*. Mesmo que nenhuma das duas coisas aconteça, tem nosso fiel Regis Thomas e a Saga Roanoke. Ele é a joia da nossa coroa.

Só que *Vermelho morto* acabou sendo o último raio de sol antes da chegada da grande tempestade. O filme não foi feito e os editores que

*image
not
available*

Preciso parar aqui e contar sobre Regis Thomas. Minha mãe costumava dizer que a maioria dos escritores é tão esquisita quanto um cocô que brilha no escuro, e o sr. Thomas era a maior prova disso.

A Saga Roanoke — era assim que ele a chamava — já tinha nove livros quando ele morreu, cada um grosso como um tijolo. “O velho Regis sempre serve porções bem generosas”, minha mãe disse uma vez. Quando eu tinha oito anos, peguei escondido em uma das prateleiras do escritório um exemplar do primeiro, *Pântano da Morte de Roanoke*, e li. Não tive problema nenhum com isso. Eu era tão bom em leitura quanto em matemática e ver gente morta (não é tirar onda se é verdade). Além do mais, *Pântano da Morte* não era exatamente um *Finnegans Wake*.

Não estou dizendo que era mal escrito, não é isso; o cara sabia contar uma história. Tinha muitas aventuras, muitas cenas assustadoras (principalmente no *Pântano da Morte*), uma busca por um tesouro enterrado e uma porção bem farta de S-E-X-O. Aprendi mais sobre o verdadeiro significado de sessenta e nove com aquele livro do que um garoto de oito anos deveria saber. E aprendi outra coisa, apesar de só ter feito a conexão consciente depois. Foi sobre todas as noites em que Liz, a amiga da minha mãe, dormia na nossa casa.

Eu diria que tinha uma cena de sexo a cada cinquenta páginas de *Pântano da Morte*, inclusive uma em uma árvore com jacarés famintos andando embaixo. Estamos falando de *Cinquenta tons de Roanoke* aqui.

*image
not
available*

— Entra — disse a minha mãe. — Por favor, Jamie.

Eu entrei no banco de trás. Tinha duas embalagens do Taco Bell no chão e um cheiro que podia ser de pipoca de micro-ondas. Tinha também outro cheiro, um cheiro que eu associava com as nossas visitas ao tio Harry nas várias residências dele, mas pelo menos não tinha grade de metal entre o banco de trás e o da frente, como eu já tinha visto em alguns programas policiais que a minha mãe via (ela gostava muito de *A escuta*).

Minha mãe se sentou na frente e Liz saiu dirigindo, mas parou no primeiro sinal vermelho e acendeu a luz azul no painel. Começou a girar, e, mesmo sem sirene, os carros saíram da frente e chegamos na Franklin Delano Roosevelt rapidinho.

Minha mãe se virou e olhou para mim entre os dois bancos com uma expressão que me assustou. Era uma expressão de desespero.

— Será que ele está em casa, Jamie? Sei que já levaram o corpo dele para o necrotério ou pra funerária, mas será que ele pode ainda estar lá?

A resposta a isso era que eu não sabia, mas não falei isso nem mais nada de primeira. Eu estava surpreso demais. E magoado. Acho até que com raiva, embora não tenha certeza, mas da surpresa e da dor eu me lembro muito bem. Ela tinha me dito para nunca contar para ninguém que eu via gente morta, e eu nunca contei mesmo, mas *ela* contou. Ela contou para a Liz. Era por isso que a Liz estava ali e logo começaria a usar a lâmpada do painel para abrir o tráfego na Sprain Brook Parkway.

Por fim perguntei:

— Há quanto tempo ela sabe?

Vi Liz piscar para mim pelo retrovisor, o tipo de piscadela que dizia *nós temos um segredo*. Não gostei. Éramos eu e minha mãe que tínhamos que ter um segredo.

*image
not
available*

Passamos pelo drive-thru do Burger King de Tarrytown e ganhei um hambúrguer, como me prometeram. Um milk-shake de chocolate também. Minha mãe não queria parar, mas Liz insistiu.

— Ele é um menino em fase de crescimento, Liz. Precisa comer, mesmo que você não queira.

Gostei mais dela por ter dito isso, e havia outras coisas que me faziam gostar dela, mas também havia coisas de que eu não gostava. Coisas grandes. Vou chegar nessa parte, vou ter que chegar, mas agora vamos só dizer que meus sentimentos por Elizabeth Dutton, detetive de segundo grau da Polícia de Nova York, eram complicados.

Ela disse uma coisa antes de chegarmos a Croton-on-Hudson que tenho que mencionar. Estava só jogando conversa fora, mas acabou sendo importante depois (eu sei, essa palavra de novo). Liz disse que Thumper tinha finalmente matado uma pessoa.

O homem que se chamava Thumper aparecia no noticiário local de vez em quando havia alguns anos, principalmente no NY1, que minha mãe via quase todas as noites enquanto preparava o jantar (e às vezes quando a gente estava comendo se o dia tivesse sido interessante para as notícias). O “reinado de terror” do Thumper — valeu, NY1 — tinha começado antes mesmo de eu nascer, e ele era uma espécie de lenda urbana. Sabe como é, tipo o Slender Man e o Homem do Gancho, só que com explosivos.

*image
not
available*

A gente pôde fazer isso porque as janelas, com detalhes entalhados nelas todas, estavam abertas. Minha mãe correu para tentar a porta, e fiquei sozinho com a Liz por um momento.

— Você não acha mesmo que vê gente morta que nem aquele garoto do filme, né, campeão?

Eu não ligava se ela acreditava, mas teve alguma coisa no tom dela, como se tudo fosse uma grande piada, que me irritou.

— A minha mãe contou sobre os anéis da sra. Burkett, né?

Liz deu de ombros.

— Pode ter sido um palpite de sorte. Você por acaso não viu ninguém morto no caminho até aqui, viu?

Eu falei que não, mas é difícil saber se a gente não falar com eles... ou eles com a gente. Uma vez, quando minha mãe e eu estávamos no ônibus, eu vi uma garota que tinha cortado os pulsos tão fundo que pareciam pulseiras vermelhas, e eu tive certeza de que *ela* estava morta, apesar de ela não estar tão nojenta quanto o cara do Central Park. E naquele mesmo dia, quando saímos da cidade, vi uma senhora de roupão rosa parada na esquina da 8th Avenue. Quando o sinal abriu para os pedestres, ela ficou parada, olhando em volta como uma turista. Ela estava com aquelas coisas de enrolar o cabelo. Podia estar morta, mas também podia ser uma pessoa viva andando por aí, como a minha mãe dizia que o tio Harry fazia às vezes antes de ela o colocar no primeiro lar. Minha mãe me disse que, quando o tio Harry começou a fazer isso, às vezes de pijama, ela parou de achar que ele poderia melhorar.

— Quem é vidente dá sorte o tempo todo — disse Liz. — E tem um ditado antigo que diz que até um relógio parado acerta duas vezes por dia.

*image
not
available*

Imposto de Renda queria. Naquele dia, ela só socou a mesa e os xingou de filhos da mãe e sanguessugas, mas agora ela estava chorando.

— Pode ir se quiser, mas nós vamos ficar até Jamie ter certeza de que não rolou. Pode ser só um passeio divertido pra você, pra fazer a vontade da maluca...

— Isso não é justo!

— ... mas estamos falando da minha vida...

— Sei disso...

— ... e da vida do Jamie e...

— *MÃE!*

Uma das piores coisas de ser criança, acho que a pior de todas, é como os adultos te ignoram quando começam com as merdas deles.

— *MÃE! LIZ! AS DUAS! PAREM!*

Elas pararam. Elas me olharam. Lá estávamos nós, duas mulheres e um garotinho de moletom do New York Mets, do lado de uma piscina vazia em um dia nublado de novembro.

Apontei para o caminho de cascalho que levava à casa no bosque em que o sr. Thomas escrevia seus livros sobre Roanoke.

— Ele tá bem ali.

*image
not
available*

— Claro. — Ele enfiou as mãos bem fundo nos bolsos e deu para ver uma linha fina de pelos descendo pelo meio da barriga, embaixo do umbigo. Eu não queria ver isso, mas vi. — Eu sempre tenho *tudo* antes de escrever *qualquer coisa*.

— E guarda tudo na cabeça?

— Eu tenho que guardar. Senão alguém pode roubar. Botar spoilers na internet. Estragar as surpresas.

Se ele estivesse vivo, isso poderia parecer paranoia. Estando morto, ele só estava declarando um fato, ou o que acreditava ser um fato. E, ei, eu achava que o que ele disse fazia sentido. Tinha trolls de computador espalhando coisas na rede o tempo todo, desde merda chata como segredos políticos a coisas realmente importantes, como o que ia acontecer no último episódio da temporada de *Fringe*.

Liz se afastou de mim e da minha mãe, se sentou em um dos bancos junto da piscina, cruzou as pernas e acendeu um cigarro. Parecia que ela tinha deixado os lunáticos cuidarem do hospício. Por mim, tudo bem. Liz tinha pontos positivos, mas, naquela manhã, ela estava só atrapalhando.

— Minha mãe quer que você me conte tudo — falei para o sr. Thomas. — Vou contar pra ela e ela vai escrever o último livro sobre Roanoke. Ela vai dizer que você mandou pra ela quase tudo antes de morrer, junto com anotações sobre como terminar os últimos capítulos.

Vivo, ele teria rido da ideia de outra pessoa terminar seus livros; o trabalho era a coisa mais importante de sua vida, e ele era muito possessivo. Mas agora o resto dele estava deitado em uma mesa de autópsia em algum lugar, com o short cáqui e a faixa amarela que estava usando ao escrever suas últimas frases. A versão dele que estava falando comigo não sentia mais ciúme dos segredos.

*image
not
available*

*image
not
available*

resto dela da coca do Burger King, eu tomei os poucos goles e dei um abraço nela.

— Obrigado — falei, devolvendo o copo de papel. — Eu precisava disso.

— De nada.

Liz tinha parado de fazer cara de tédio. Agora, ela estava com cara pensativa. Ela não conseguia ver o sr. Thomas, e acho que ela não acreditava totalmente que ele estivesse ali, mas ela sabia que tinha *alguma coisa* acontecendo, porque ela tinha ouvido um garotinho de nove anos relatando um enredo complicado com uns seis personagens importantes e pelo menos uns vinte e poucos secundários. Ah, e um ménage (sob a influência da planta *Phalaris aquática* oferecida por um nativo americano gentil do Povo Nottoway) envolvendo Martin Betancourt, Purity Betancourt e Laura Goodhugh. Que acabou ficando grávida. A pobre Laura sempre se fodia mais que todo mundo.

No final do resumo do sr. Thomas, o grande segredo foi revelado e era uma coisa incrível. Não vou contar o que era. Leia o livro e descubra por sua conta. Se você já não leu, claro.

— Agora vou dizer a última frase — disse o sr. Thomas. Ele parecia tão vigoroso quanto antes... se bem que “vigoroso” talvez seja a palavra errada para se usar com uma pessoa morta. Mas a voz dele tinha começado a ficar mais baixa. Só um pouco. — Porque eu sempre escrevo isso primeiro. É o farol pra onde eu remo.

— Agora vem a última frase — avisei minha mãe.

— Graças a Deus — disse ela.

O sr. Thomas levantou um dedo, como um ator de antigamente se preparando para ler seu grande discurso.

*image
not
available*

— Ah, meu Deus — disse minha mãe e bateu na testa de novo. — O que eu estava pensando? Obrigada, Regis. Muito obrigada.

Minha mãe estava direcionando o agradecimento a um canteiro de flores, então segurei o braço dela e a virei.

— Ele está ali, mãe.

Ela disse obrigada de novo e o sr. Thomas não respondeu. Ele não parecia se importar. Ela foi até onde Liz estava, perto da piscina vazia, acendendo outro cigarro.

Eu não precisava agradecer, já sabia que as pessoas mortas estão cagando para coisas assim, mas agradei mesmo assim. Foi só educação, mas tinha outra coisa que eu queria.

— Sabe a amiga da minha mãe? — falei. — A Liz?

O sr. Thomas não respondeu, mas olhou para ela.

— Ela ainda acha que eu estou inventando que te vi. Ela sabe que aconteceu alguma coisa esquisita porque nenhuma criança poderia inventar aquela história toda. Aliás, adorei o que aconteceu com o George Threadgill...

— Obrigado. Ele merecia mesmo.

— Mas ela vai distorcer as coisas na cabeça dela pra que no final seja do jeito que ela quer.

— Ela vai racionalizar.

— Se é assim que se chama.

— É assim.

— Bom, tem algum jeito de você mostrar pra ela que está aqui? — Eu estava pensando em como o sr. Burkett coçou a bochecha quando a esposa o beijou.

— Não sei. Jimmy, você tem alguma ideia do que vai acontecer comigo agora?

*image
not
available*

minha mãe gostava; Liz a fazia feliz. Depois (olha essa palavra de novo), nem tanto.

Aquele Natal foi excelente. Eu ganhei presentes legais das duas e almoçamos cedo no Chinese Tuxedo antes de a Liz ter que ir trabalhar. Porque, ela disse, “Para o crime não tem feriado”. E minha mãe e eu fomos até o prédio antigo na Park Avenue.

Minha mãe manteve contato com o sr. Burkett depois que nos mudamos, e às vezes nós três nos encontrávamos.

— Porque ele é solitário — dizia minha mãe —, mas sabe por que mais, Jamie?

— Porque a gente gosta dele — eu respondia, e era verdade.

Nós fizemos a ceia de Natal no apartamento dele (na verdade, sanduíches de peru com molho de cranberry do Zabar) porque sua filha estava na Costa Oeste e não conseguiu voltar. Descobri mais sobre isso depois.

E, sim, porque a gente gostava dele.

Como posso já ter contado, o sr. Burkett era na verdade *prof.* Burkett, agora emérito, que eu entendia que significava que ele estava aposentado, mas ainda podia andar pela NYU e dar umas aulas ocasionais na superespecialidade dele, que por acaso era literatura europeia e inglesa. Uma vez, cometi o erro de chamar a matéria pela sigla LEI e ele me corrigiu, dizendo que *lei* era o que a gente tinha que obedecer.

Mesmo sem recheio de peru e só com cenouras de legume, a refeição foi gostosa e trocamos mais presentes depois. Dei um globo de neve para a coleção do sr. Burkett. Depois, descobri que a coleção era de sua esposa, mas ele admirou o globo, agradeceu e botou na prateleira da lareira com os outros. Minha mãe deu para ele um livrão chamado *The*

*image
not
available*

A maior briga que elas tiveram sobre política foi quando Liz falou que não acreditava totalmente que o Obama tinha nascido nos Estados Unidos. Minha mãe a chamou de burra e racista. Elas estavam no quarto de porta fechada, era lá que a maioria das discussões acontecia, mas as vozes estavam altas e eu ouvi cada palavra na sala. Alguns minutos depois, Liz foi embora, batendo a porta ao sair, e só voltou quase uma semana depois. Quando voltou, elas fizeram as pazes. No quarto. Com a porta fechada. Eu também ouvi isso porque a parte de fazer as pazes era bem barulhenta. Tinha gemidos e risadas e o barulho das molas da cama.

Elas também discutiam sobre táticas policiais, e isso foi alguns anos antes do Black Lives Matter. Esse era um ponto sensível para Liz, como você pode imaginar. Minha mãe condenava o que chamava de “perfilamento racial” e Liz dizia que só se pode desenhar um perfil se as feições estiverem claras. (Não entendi na época e não entendo agora.) Minha mãe disse que, quando pessoas negras e pessoas brancas eram sentenciadas pelo mesmo tipo de crime, os negros recebiam sentenças mais pesadas, e às vezes os brancos nem chegavam a ser presos. Liz respondeu dizendo:

— Me mostra uma avenida Martin Luther King em qualquer cidade e eu te mostro que é uma área de alta criminalidade.

As discussões começaram a ter intervalos menores, e mesmo na minha tenra idade eu sabia o grande motivo disso: elas estavam bebendo demais. Os cafés da manhã com comidas quentes, que minha mãe fazia de duas a três vezes por semana, praticamente pararam. Eu acordava de manhã e elas estavam sentadas usando os roupões iguais, curvadas sobre canecas de café, os rostos pálidos e os olhos vermelhos. Havia três, às vezes quatro garrafas vazias de vinho no lixo com guimbas de cigarro dentro.

*image
not
available*

restaurante duvidoso de beira de estrada”.

Minha mãe não ligou para as críticas; ela só queria saber do adiantamento enorme e dos direitos autorais renovados dos volumes anteriores da série Roanoke. Ela reclamou muito de só receber quinze por cento depois de ter escrito o livro todo, mas sua pequena vingança foi dedicar o livro para si mesma.

— Porque eu mereço — disse ela.

— Não tenho tanta certeza — disse Liz. — Se você pensar bem, Ti, você só foi a secretária. Acho que devia ter dedicado ao Jamie.

Isso fez Liz ganhar outro olhar gelado da minha mãe, mas achei que ela tinha certa razão. Se bem que, se pensarmos bem *mesmo*, eu também só fui o secretário. O livro continuou sendo do sr. Thomas, morto ou não.

*image
not
available*

O passeio foi até o cemitério Woodlawn, no Bronx, local de descanso final de Duke Ellington, Herman Melville e Bartholomew “Bat” Masterson, dentre outros. Sei sobre eles porque pesquisei e depois escrevi um trabalho sobre Woodlawn para a escola. Liz entrou lá pela avenida Webster e começou a dirigir pelas vias. Foi legal, mas meio assustador.

— Sabe quanta gente foi plantada aqui? — perguntou ela, e, quando fiz que não: — Trezentas mil. Menos do que a população de Tampa, mas não muito. Eu olhei na Wikipédia.

— Por que a gente está aqui? É legal, mas eu tenho dever de casa. — Não era mentira, mas era o tipo de coisa que dava para acabar em meia hora. O dia estava ensolarado e colorido e ela parecia bem normal, só a Liz amiga da minha mãe, mas, mesmo assim, aquele passeio estava meio sinistro.

Ela ignorou completamente minha jogada do dever de casa.

— Tem gente sendo enterrada aqui o tempo todo. Olha pra sua esquerda. — Ela apontou e reduziu de quarenta quilômetros por hora para um ritmo de tartaruga. O local para onde ela estava apontando estava com gente em volta de um caixão colocado ao lado de um buraco aberto. Havia um pastor na cabeceira do túmulo com um livro aberto na mão. Eu sabia que ele não era rabino porque não estava de chapeuzinho.

Liz parou o carro. Ninguém do funeral prestou atenção. As pessoas estavam absortas no que o pastor estava dizendo.

— Você vê gente morta — disse ela. — Já aceito isso agora. É difícil não aceitar depois do que aconteceu na casa do Thomas. Tem alguma aqui?

— Não — falei, mais incomodado do que nunca. Não por causa da Liz, mas porque eu tinha acabado de receber a notícia de que estávamos

*image
not
available*

Enquanto estávamos tomando sorvete no Lickety Split (Liz ligou para a minha mãe para dizer onde estávamos e o que estávamos fazendo), Liz disse:

— Deve ser tão estranho isso que você consegue fazer. Tão *bizarro*. Não te deixa morrendo de medo?

Pensei em perguntar se ela sentia medo de olhar para a noite e ver as estrelas e saber que elas continuavam para toda a eternidade, mas nem me dei a esse trabalho. Só falei que não. A gente se acostuma com as coisas extraordinárias. Aceita como normais. Podemos até tentar não nos acostumar, mas é o que acontece. Tem coisa extraordinária demais no mundo, só isso. Em toda parte.

*image
not
available*

Nós fomos primeiro ao City of Angels, porque era mais perto. Não tinha nenhum cara com um buraco na cabeça na frente, só alguns fumantes, então passamos pela entrada da sala de emergência. Tinha muita gente sentada lá, e um cara tinha um sangramento na cabeça. O ferimento me pareceu mais uma laceração do que um buraco de bala, e ele era mais jovem do que Liz disse que Kenneth Therriault era, mas perguntei a Liz se ela o via, só para ter certeza. Ela disse que via.

Nós fomos até a recepção, onde Liz mostrou o distintivo e se identificou como detetive da polícia de Nova York. Ela perguntou se havia uma sala onde os funcionários guardavam as coisas e trocavam de roupa para trabalhar. A mulher da recepção disse que sim, mas que outros policiais já tinham estado lá e levado tudo do armário de Therriault. Liz perguntou se eles ainda estavam lá dentro e a mulher disse que não, que os últimos tinham ido embora horas antes.

— Eu gostaria de dar uma olhada rápida mesmo assim — disse Liz. — Me diga como eu chego lá.

A moça disse para pegarmos o elevador até o subsolo B e virarmos à direita. Em seguida, sorriu para mim e disse:

— Veio ajudar a mamãe na investigação hoje, rapazinho?

Pensei em dizer *Bom, ela nem é minha mãe, mas acho que estou ajudando porque ela espera que, se o sr. Therriault ainda estiver aqui, eu consiga ver*. Claro que não era uma boa ideia, então fiquei quieto.

*image
not
available*

O Frederick Arms tinha doze ou catorze andares e era feito de tijolos cinzentos com barras nas janelas nos apartamentos do primeiro e do segundo andar. Para um garoto que cresceu no Palácio na Park, parecia mais a prisão de *Um sonho de liberdade* do que um prédio de apartamentos. E Liz soube na mesma hora que não poderíamos entrar no prédio e menos ainda no apartamento de Kenneth Therriault. O local estava infestado de policiais. Os curiosos estavam parados no meio da rua, tão perto dos cavaletes da polícia quanto dava, tirando fotos. As vans dos canais de televisão estavam estacionadas dos dois lados do quarteirão com as antenas no teto e cabos serpenteando para todos os lados. Havia até um helicóptero do Channel 4 no ar.

— Olha — falei. — Stacy-Anne Conway! Ela é do NY1!

— Pergunta se eu ligo pra isso — disse Liz.

Eu não perguntei.

Tivemos sorte de não dar de cara com repórteres no Central Park e no City of Angels, e me dei conta de que o único motivo para isso era que estavam todos ali. Olhei para Liz e vi uma lágrima escorrendo por uma bochecha dela.

— Talvez a gente possa ir ao enterro dele. Pode ser que ele esteja lá.

— É provável que ele seja cremado. Em particular, por conta da cidade. Sem parentes. Ele viveu mais do que todos. Vou te levar pra casa, campeão. Desculpa por te arrastar até aqui.

*image
not
available*

Quando contei a Liz tudo que Therriault tinha dito, ela ficou empolgada e mais nada. Eu entendia, não foi ela que teve que olhar para um homem que tinha estourado quase um lado inteiro da cabeça. Ela me disse que tinha que entrar no mercado para comprar uma coisa.

— Você vai me deixar aqui com *ele*?

— Não. Volta pela rua. Espera junto do carro. Só vou levar um minuto.

Therriault estava sentado ali me olhando com o olho que estava mais ou menos regular e com o olho que estava todo esticado. Eu sentia o olhar dele. Fez com que eu me lembrasse da vez que fui a um acampamento e peguei pulga e tive que usar um xampu especial fedorento umas cinco vezes até elas terem sumido todas.

Nenhum xampu ia resolver a sensação que Therriault provocou em mim, só ir para longe dele faria isso, então fiz o que Liz mandou. Andei até a lavanderia e olhei para a mulher lá dentro, ainda dobrando roupas. Ela me viu e acenou. Isso trouxe de volta à mente a garotinha com o buraco na garganta e o jeito como *ela* acenou para mim, e por um momento horrível achei que a mulher da lavanderia também estava morta. Só que uma pessoa morta não estaria dobrando roupas, só ficaria parada. Ou sentada, como Therriault. Por isso, acenei de volta para ela. E até tentei sorrir.

*image
not
available*

Nós subimos. Minha mãe fez café e me deu uma xícara. Foi a minha primeira, e sou doido por café desde esse dia. Conteí quase tudo para ela. Que Liz ficou me esperando na frente da escola. Que me disse que vidas dependiam de encontrarmos a última bomba do Thumper. Que fomos ao hospital e ao prédio do Therriault. Até conteí como Therriault estava horrível com a cabeça explodida e deformada de um lado. O que eu não conteí foi que me virei e o vi parado atrás do carro da Liz, tão perto que poderia ter segurado meu braço... se as pessoas mortas *pudessem* segurar, uma coisa que eu não queria descobrir, de qualquer modo. E não conteí para ela o que ele disse, mas, naquela noite, quando fui para a cama, ficou ecoando na minha cabeça como um sino quebrado: “A gente se vê... *campeão*”.

Minha mãe ficou dizendo *tudo bem e eu entendo*, só que cada vez parecendo mais abalada. Mas ela devia saber o que estava acontecendo em Long Island, e eu também. Ela ligou a televisão e nós nos sentamos no sofá para assistir. Lewis Dodley, do NY1, estava fazendo uma reportagem de rua com cavaletes da polícia bloqueando o local.

— A polícia parece estar levando a dica a sério — disse ele. — De acordo com uma fonte no Departamento de Polícia do Condado de Suffolk...

Eu me lembrei do helicóptero de televisão sobrevoando o Frederick Arms e concluí que devia ter dado tempo de ir até Long Island, então

Eu o vi de novo na sexta, em frente à escola. Havia alguns pais esperando os filhos (sempre tem às sextas, provavelmente por eles estarem indo viajar no fim de semana) e ninguém viu Therriault, mas devem ter sentido, porque todo mundo passava longe do lugar onde ele estava. Ninguém estava empurrando um carinho de bebê, mas, se estivesse, eu sabia que o bebê estaria olhando para o lugar vazio na calçada e chorando de berrar.

Voltei para dentro da escola e olhei alguns pôsteres em frente à diretoria, me perguntando o que fazer. Acho que eu teria que falar com ele, descobrir o que ele queria, e decidi fazer isso naquela hora mesmo, enquanto ainda havia gente ao redor. Eu achava que ele não poderia me machucar, mas não *sabia*.

Fui ao banheiro masculino primeiro porque, de repente, precisava fazer xixi, mas, quando parei na frente do mictório, não consegui produzir nem uma gota. Então, saí, segurando a mochila pela alça em vez de pendurada nas costas. Eu nunca tinha sido tocado por uma pessoa morta, nunquinha, mas, se Therriault tentasse tocar em mim (ou me segurar) eu pretendia bater nele com a mochila cheia de livros.

Só que ele tinha sumido.

Uma semana se passou, e duas. Eu relaxei, achando que ele devia ter passado do prazo de validade.

Eu era da equipe júnior de natação da ACM e, em um sábado do fim de maio, tivemos nosso treino final para uma competição que aconteceria no Brooklyn no fim de semana seguinte. Minha mãe me deu dez dólares para comer alguma coisa depois e me disse (como sempre dizia) para não esquecer de trancar o armário, para ninguém roubar meu dinheiro ou meu relógio (apesar de eu não ter ideia de por que alguém ia querer roubar um Timex vagabundo). Eu perguntei se ela ia à competição. Ela ergueu o olhar do manuscrito que estava lendo e disse:

— Pela quarta vez, Jamie, *sim*. Eu vou à competição. Está na minha agenda.

Era só a segunda vez que eu perguntava (talvez a terceira), mas eu não disse nada, só beijei a bochecha dela e segui pelo corredor até o elevador. Quando a porta se abriu, Therriault estava lá, sorrindo daquele jeito e me olhando com o olho bom e com o saltado.

— Sua mãe tem câncer, campeão. Por causa dos cigarros. Ela vai morrer em seis meses.

Fiquei paralisado com a boca aberta.

A porta do elevador se fechou. Fiz um som que foi meio guincho, meio gemido, sei lá, e me apoiei na parede para não cair.

Eles têm que falar a verdade, pensei. Minha mãe vai morrer.

Mas meus pensamentos se organizaram um pouco e um pensamento melhor surgiu. Eu me agarrei a ele como um homem se afogando se agarra a um pedaço de madeira que flutua. *Mas talvez eles só precisem dizer a verdade quando a gente faz perguntas. Pode ser que eles possam contar qualquer porra de mentira que quiserem se não for assim.*

Eu não queria mais ir ao treino de natação, mas, se eu não fosse, o treinador poderia acabar ligando para a minha mãe para saber onde eu estava. *Aí, ela ia querer saber onde eu estava, e o que eu ia dizer? Que*

estava com medo do Thumper estar me esperando na esquina? No saguão da ACM? Ou (a perspectiva mais horrível) no vestiário, invisível para os meninos pelados tirando o excesso de cloro no chuveiro?

Eu tinha que dizer pra ela que ela tinha *câncer*, porra?

Por isso, eu fui. E, como você pode imaginar, nadei mal pra caralho. O treinador me mandou ajeitar a posição da cabeça e eu precisei beliscar o sovaco para não cair no choro. Precisei beliscar com força.

Quando cheguei em casa, minha mãe ainda estava mergulhada no manuscrito. Eu não a via fumando desde que a Liz foi embora, mas sabia que ela às vezes bebia quando eu não estava, com os autores e vários editores, e inspirei fundo quando a beijei, mas não senti nenhum cheiro além de um pouco de perfume. Ou talvez creme hidratante, porque era sábado. Alguma coisa de mulher, pelo menos.

— Está ficando resfriado, Jamie? Você se secou direito depois de nadar, né?

— Me sequei. Mãe, você não fuma mais, né?

— Então é isso. — Ela botou o manuscrito de lado e se alongou. — Não, eu não fumei nenhum cigarro desde que a Liz foi embora.

Desde que você a expulsou, pensei.

— Você foi ao médico recentemente? Fazer checkup?

Ela me olhou sem entender.

— Por que você está falando isso? Você está com aquela ruguinha entre as sobrancelhas.

— Bom, você é a única pessoa que eu tenho. Se acontecesse alguma coisa com você, eu não poderia ir morar com o tio Harry, né?

Ela fez uma careta, riu e me abraçou.

— Eu estou bem, moleque. Fiz o checkup anual dois meses atrás, na verdade. Passei com louvor.